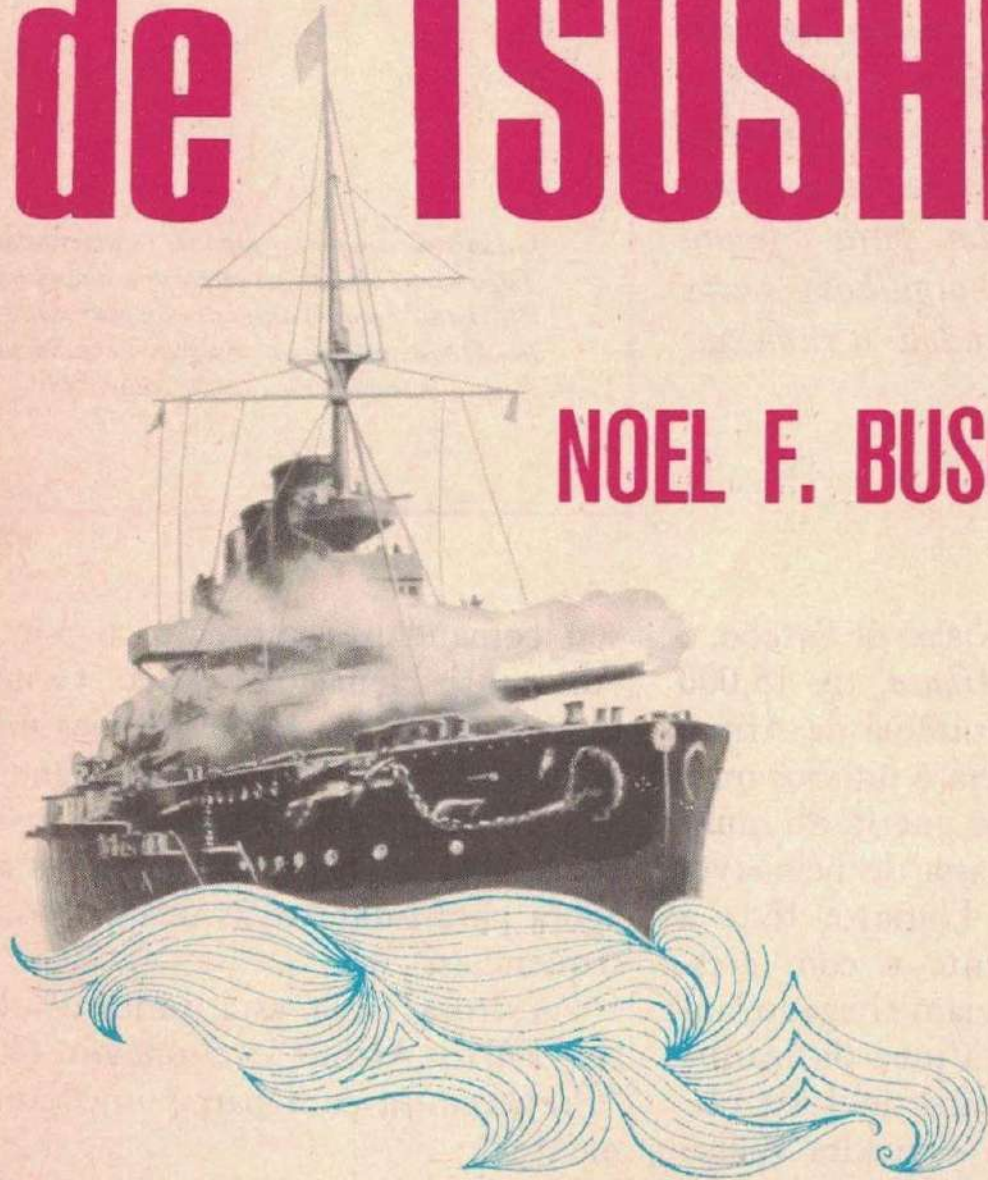


SEÇÃO DE LIVROS

A BATALHA de TSUSHIMA

NOEL F. BUSCH



O "Mikasa" em ação

Numa noite de maio de 1905, multidões ansiosas aglomeravam-se nos portos do Japão e na base naval russa de Vladivostok. Esperavam notícias do Estreito de Tsushima, entre a Coréia e o Japão, onde se travava no momento uma das maiores e mais decisivas batalhas navais da História — o clímax de uma luta inexorável entre a Rússia czarista e o nascente Japão, resolvido a conquistar um lugar entre as grandes potências mundiais. O veterano jornalista Noel Busch passou seis meses analisando relatos de testemunhas de vista e entrevistando sobreviventes da Batalha de Tsushima, que destruiu 5.000 vidas, mandou para o fundo do mar mais de 20 orgulhosos vasos de guerra — e mudou o rumo da História.

A BATALHA de TSUSHIMA

NOEL F. BUSCH

Quadro de um pintor japonês representando Togo e seus oficiais na ponte de comando do "Mikasa", pouco antes de começar a batalha. O comandante-chefe segura um binóculo Zeiss e ostenta a espada do Imperador

ANCORADO NO PÔRTO de Sasebo, o couraçado *Mikasa*, de 15.000 toneladas, capitânia da Armada Imperial japonesa e um dos mais poderosos navios de guerra do mundo, dominava a massa de belonaves que o rodeavam. Durante toda a noite, sucessivamente e com crescente urgência, haviam chegado lanchas ao *Mikasa*, e à uma da manhã do dia 6 de fevereiro de 1904 oficiais superiores da esquadra reuniram-se no austero alojamento do

seu comandante supremo, o Vice-Almirante Heihachiro Togo. Como esperavam, Togo tinha notícias importantes para eles: com relutância — pois tentara desesperadamente evitar a guerra — o Japão preparava-se agora para lutar até às últimas conseqüências.

“A frota russa está concentrada em Pôrto Arthur”, anunciou êle. “Preparem-se para partir imediatamente.”

Togo falou com tranqüila segu-



rança, e a sua impressionante aparência em nada era diminuída por sua reduzida estatura de 1,60 m. Sobre a mesa à sua frente, teatralmente desembainhada, estava uma curta espada samurai, a lâmina faiscando na luz brilhante do camarote. A arma emprestava significação adicional à mensagem do Imperador lida por êle: "O Governo russo não tem nenhuma intenção de manter a paz. Resolvi, em conseqüência, tomar medidas imediatas para salvaguardar

a independência da nossa nação."

A seguir o almirante deu instruções sucintas, enquanto os oficiais escutavam numa tensão quase insuportável. Quando deixaram o camarote para voltar aos seus navios, as palavras de despedida do Almirante Togo seguiram-nos pela noite como um desafio: "Aniquilem o inimigo e levem a paz ao coração de Sua Majestade!"

As relações diplomáticas com a Rússia foram rompidas na tarde se-

guinte. E ninguém conhecia melhor do que Heihachiro Togo a necessidade de ação resoluto. A esquadra russa ancorada em Pôrto Arthur, a cavaleiro das vitais rotas marítimas nipônicas, era sem dúvida alguma um adversário à altura da sua esquadra: sua espinha dorsal consistia em sete couraçados e nove cruzadores, ao passo que êle dispunha apenas de seis navios de cada classe. A Rússia poderia reunir mais uma poderosa frota no Báltico, e além disso possuía outros vasos de guerra em Vladivostok. A vitória do Japão—se ela de todo fôsse possível—devia ser tão rápida e decisiva que o inimigo não tivesse tempo de pôr em jôgo os seus recursos superiores.

Togo passara seis anos na Inglaterra como estudante e cadete naval. Era fervoroso admirador do inextinguível espírito de luta do grande herói naval britânico Lorde Nelson, e conhecia apenas uma maneira de enfrentar a situação. “Se sua espada é demasiado curta”, aconselhava um dos seus provérbios prediletos, “dê um passo à frente.” No dia 8 de fevereiro êle deu um dêsse passos enviando 10 esguios torpedeiros sob a cobertura da noite atacar os navios russos ancorados em Pôrto Arthur.

Teve sorte. Embora as relações diplomáticas estivessem rompidas havia dois dias, os russos tinham permanecido imprudentemente despreocupados e a surpresa foi completa. Na verdade, a frota russa estava iluminada da proa à pôpa, enquanto os

oficiais compareciam a uma recepção em honra da espôsa e da filha do comandante da esquadra. Pouco antes das 10 horas da noite, 18 torpedos, especialmente equipados para varar as rêdes protetoras, partiram em direção aos alvos iluminados. Três dêsles acertaram em cheio, pondo fora de ação dois couraçados e um cruzador pesado.

No dia seguinte Togo aproximou-se com seus grandes navios e, com tiros de longo alcance, danificou severamente o resto da frota do Czar. Em algumas horas, ao custo de apenas seis vidas japônêsas, êle inverteu o equilíbrio do poder naval no Extremo Oriente.

Bloqueio

ERA EVIDENTE havia muito tempo que o Japão não poderia evitar um acêrto de contas final com a Rússia. Dez anos antes, após uma série de custosos ataques suicidas contra os chineses, fôrças japônêsas tinham ocupado parte da Coréia e a península mandchu de Liaotung, onde se situava a estratégica base naval de Pôrto Arthur. Entretanto, três anos depois os frutos da gloriosa vitória estavam praticamente perdidos; a Rússia, agindo de comum acôrdo com a Alemanha e a França, tinha arrebatado pela diplomacia e a intriga o que o Japão conquistara com sangue e bravura.

O Japão emergira da guerra com a China como uma nação a ser levada em conta daí em diante; e não estava disposto a admitir que um território

tão duramente conquistado fôsse anexado pela Rússia. Diante da insistência, o Czar Nicolau II prometera retirar-se da Mandchúria—mas suas tropas permaneciam na península e os navios continuavam a dominar a base tão vital para o Japão. Os protestos contra o rompimento do acôrdo foram desdenhados, e os russos classificaram os japoneses como tão “inofensivos como borboletas... que se prendem num cartão-postal e são enviadas para casa como lembrança”. Chegara a hora de medir fôrça.

O Japão só poderia transportar e abastecer tropas de combate contra o inimigo se ganhasse o contrôle dos mares. De modo que a vitória—e a própria vida do Japão—dependiam da Armada e do homem que a comandava.

Educado na tradição samurai, herdeiro de uma linhagem que datava do século XIII, Heihachiro Togo recebera seu batismo de fogo com 15 anos na defesa de Kagoshima, sua cidade natal, contra vasos de guerra britânicos. “Não perca!”, teria advertido sua mãe ao vê-lo partir para a batalha. Aos 18 anos, Togo ingressara na incipiente Marinha japonêsa, e depois de estudar na Inglaterra subira ràpidamente de postos, revelando-se um oficial de grandes méritos na guerra contra a China, em 1894. Recentemente o Imperador tinha-lhe confiado o comando de tôda a esquadra, a maior da história nipônica. Tratava-se de uma promoção que claramente reconhecia a ca-

pacidade de Togo para prudência e ação temerária e brilhantemente intuitiva. O Imperador jamais lamentaria a escolha.

Após o primeiro espetacular ataque contra Pôrto Arthur, Togo postou-se à entrada do pôrto como um gato a espreitar um buraco de rato. Contentou-se em manter engarrafados os navios russos, sabendo que as tropas japonêsas que lutavam desesperadamente para capturar a base por terra poderiam logo depois destruí-los com fogo de artilharia. A sua estratégia foi posta em perigo, entretanto, quando o almirante mais experimentado da Rússia, o brilhante Stepan Ossipovich Makarov, foi enviado para assumir o comando da frota czarista sitiada. Makarov imediatamente impôs disciplina, acabou com a alegre vida social em terra, aumentou a freqüência dos exercícios de artilharia e começou a importunar os sitiantes com repetidas patrulhas de reconhecimento e incursões de ataque.

Por algum tempo pareceu que Togo encontrara um adversário à altura. No dia 1.º de abril, porém, a capitânia de Makarov chocou-se com uma mina quando regressava à base e explodiu perto de Pôrto Arthur. Makarov não foi mais visto, e sua perda—que um especialista calculou como mais ou menos equivalente à de cinco couraçados—foi um rude golpe no moral dos russos.

O próprio Togo sofreu um sério revés num malfadado dia de maio,

quando dois dos seus couraçados foram afundados por minas. Embora a perda de um terço de sua força total de couraçados constituísse golpe esmagador, Togo aceitou-a estôicamente. Calmamente declarou aos seus oficiais que tais infortúnios eram apenas "incidentes de campanha". Não obstante, para manter o inimigo incerto sobre sua verdadeira força, conseguiu guardar segredo da perda de um dos navios até ao fim da guerra.

Os poucos recursos do Japão estavam sendo forçados ao máximo pela guerra. Depois dêsse revés Togo continuou o bloqueio com redobrada cautela. Em agosto, quando o resto da esquadra czarista se aventurou a sair do porto e tentou navegar para Vladivostok, êle imediatamente iniciou a perseguição e obrigou-a a voltar. Em geral, contudo, Togo evitava cuidadosamente arriscar seus navios num grande combate. Sabia que os estaleiros russos no Báltico, a meio mundo de distância, construía febrilmente uma esquadra ainda mais poderosa, que êle teria de enfrentar. Precisava, portanto, conservar tôdas as forças possíveis para combatê-la.

Plano de Vingança

EM SÃO PETERSBURGO as más notícias de Porto Arthur foram recebidas com incredulidade e consternação—e quatro meses de inação. A decisão de enviar reforços somente foi tomada em meados de junho. Quatro meses mais decorreram antes

que a nova esquadra czarista fôsse julgada em condições de partir.

No dia 9 de outubro, porém, quando o Czar Nicolau II, acompanhado por metade da Côrte Imperial, foi à Base Naval de Reva para desejar feliz viagem às belonaves alegremente enfeitadas, havia motivo para orgulho e otimismo. A manhã estava fria e o vento ululante agitava as flâmulas e bandeirolas que enfeitavam todos os navios; e o recém-formado Segundo Esquadrão do Pacífico parecia confiante de poder cumprir a exortação do Czar de "vingar-se dos insolentes japoêses que perturbaram a paz da Santa Rússia".

O Czar e sua brilhante comitiva reuniram-se na sala dos oficiais do couraçado *Suvorov*, capitânia da recém-constituída frota. Tal como seus irmãos *Alexander III*, *Borodino* e *Orel*, o *Suvorov* era um couraçado novo de 13.500 toneladas, armado com quatro canhões de 12 polegadas e dezenas de canhões de seis polegadas, além de 46 peças de menor calibre. Construídos com couraça de 25 centímetros de espessura na linha de água e 10 centímetros no convés e capazes de desenvolver mais de 18 nós, os quatro couraçados formavam a espinha dorsal do Segundo Esquadrão do Pacífico. Já eram descritos por peritos navais como invencíveis. Apoiados por três couraçados mais antigos, seis cruzadores, nove contratorpedeiros, navios mercantes armados, transportes e navios auxiliares, êles completavam uma armada de 42 vasos de guerra. Quando se reu-

nissem aos restos da esquadra de Pôrto Arthur, diziam os especialistas, esmagariam tudo aquilo que Togo pudesse lançar à luta.

Rìgidamente empertigado ao lado do Czar estava o homem escolhido para comandar a imponente esquadra. Alto, de barba em leque, sobranceiro, o Vice-Almirante Zinovy Petrovich Rozhdestvensky era um dos marinheiros mais tarimbados da

Rússia, um oficial de carreira que atingira o alto pôsto sem a ajuda de títulos ou influências. Homem obstinado e difícil, dado a acessos de fúria e melancolia, era também um notável comandante que se poupava ainda menos do que aos seus subordinados.

Rozhdestvensky tinha precisado de tôda a sua dedicação ao dever, de tôda a reserva de sua grande fôrça física e resistência para forjar o esquadrão. Nas 18 semanas desde que São Petersburgo resolvera reforçar o esquadrão de Pôrto Arthur, êle trabalhara quase sòzinho, ficando noites seguidas sem dormir enquanto demitia e promovia oficiais e tripulantes, supervisionava os reparos, ameaçava os construtores navais e extorquia suprimentos e munições de departamentos navais letárgicos e corroídos pelo subôrno. De alguma forma êle tinha conseguido forjar uma esquadra em condições de navegar.

Apesar disso, Rozhdestvensky tinha aguda consciência de que os poucos marinheiros experimentados do Czar estavam agora bloqueados em Pôrto Arthur. Para a missão que o esperava êle fôra obrigado a valer-se de reservistas velhos ou camponeses convocados que jamais tinham visto o mar. Pior ainda, tornara-se claro que muitos dos tripulantes eram ardentes revolucionários, dedicados a prejudicar a missão por meio de sabotagem deliberada.

Tampouco seus oficiais compartilhavam o entusiasmo do Czar e seus



*O Vice-Almirante Zinovy
Petrovich Rozhdestvensky*

cortesãos de São Petersburgo. Na atmosfera festiva que cercou a partida da esquadra, esforçaram-se para ocultar seus verdadeiros sentimentos. Naquela noite, porém, no banquete de despedida, ocasião em que o champanha e a vodca corriam liberalmente, o desabusado comandante do *Alexander III*, Capitão Bukhvostov, deu largas à sua cólera francamente. “Os senhores nos desejam a vitória”, disse aos constrangidos convidados, “mas não haverá vitória. E provavelmente metade do nosso esquadrão vai perder-se pelo caminho. Se eu fôr pessimista demais e todos os navios chegarem ao Mar Amarelo, Togo os reduzirá a frangalhos. Mas uma coisa eu lhes prometo. Todos nós saberemos morrer. Não nos rendemos.”

Os colegas de Bukhvostov acalmaram-no rapidamente e suas furiosas palavras não chegaram aos ouvidos do Czar. Quando o esquadrão levantou ferro dois dias depois, Nicolau fez uma piedosa anotação no seu diário: “Abençoai-o na viagem, Senhor. Permitti que chegue em segurança e boas condições a seu destino e que tenha sucesso na sua terrível missão para a segurança e felicidade da Rússia.”

A Longa Viagem Para Leste

OS PROBLEMAS começaram a atormentá-los desde o início. No Mar do Norte os nervosos artilheiros russos, confundindo uma frota de traineiras britânicas com contratorpedeiros japoneses, abriram fogo estu-

pidamente, afundando uma delas e danificando outras. O fato levou as relações russo-britânicas quase ao ponto de ruptura. Por fim o incidente foi sanado, mas valeu aos russos o apelido de “frota dos cães danados”, e fez dêles objeto de risos no mundo inteiro.

Rozhdestvensky era afligido por repetidos enguiços dos navios, pela inépcia dos marinheiros inexperientes e agitação dos revolucionários confessos. Maior que todos os seus outros problemas, porém, era a tarefa imensa de abastecer e reaparar a esquadra. A Rússia não dispunha de uma única base terrestre ao longo de tôda a rota de 18.000 milhas que o esquadrão devia percorrer; os portos neutros estavam fechados pelo Direito Internacional a navios de guerra beligerantes, e entre as grandes potências apenas a França e a Alemanha ousavam oferecer ao esquadrão as facilidades portuárias vitais.

Mas até mesmo êsses poderosos simpatizantes relutavam em desrespeitar o Direito Internacional—pelo menos abertamente—proporcionando ajuda aos russos. No Pôrto de Dacar, na Costa Ocidental da África, administrado pelos franceses, o comandante do pôrto subiu a bordo do *Suvorov* e, sêcamente, ordenou a Rozhdestvensky que interrompesse o carregamento de carvão e partisse sem demora. O Japão e a Grã-Bretanha, explicou êle, protestariam contra a entrada da esquadra russa em águas neutras.

Rozhdestvensky respondeu bruscamente:

—É minha intenção continuar a abastecer-me de carvão, a menos que suas baterias costeiras me impeçam.

Durante um momento os dois almirantes entreolharam-se impassíveis.

—O senhor certamente sabe que nós não temos baterias de costa—replicou o francês.

Abruptamente a tensão evaporou-se, os oficiais reunidos riram, brindou-se com champanha ao sucesso da viagem—e o esquadrão continuou a abastecer-se de carvão.

Na África Ocidental Alemã, quando Rozhdestvensky entrou em Angra Pequena para receber carvão, uma irada delegação britânica visitou o governador alemão e exigiu a partida imediata do esquadrão. Fingindo surpresa, o governador foi até à janela e olhou para a baía.

—Que esquadrão?—perguntou.—Onde está?

Irritando-se mais a cada minuto, os ingleses disseram-lhe que o esquadrão estava oculto por trás de um pequeno promontório. Bastava o governador pegar uma lancha e verificar isso pessoalmente. Mas o governador fingiu-se ofendido com a sugestão.

—Eu sou um militar—rugiu.—Não vou andar por aí numa canoa nativa procurando imaginários couraçados russos.

Mais uma vez Rozhdestvensky pôde abastecer-se em paz.

Mas na maioria dos portos neutros

os russos eram despedidos friamente. Nesse caso, viam-se obrigados a reabastecer-se em alto-mar, com os vasos de guerra czaristas balançando amarrados aos carvoeiros, enquanto mal-humorados marinheiros carregavam sacos de carvão de navio para navio. O abastecimento transformou-se num pesadelo interminável; as tripulações comiam, dormiam e mourejavam em meio ao fedor de pó de carvão que penetrava nos alimentos, nos olhos, na bôca, nos poros, até que os homens já pensavam que nunca escapariam às nuvens da “febre negra”.

De todos os portos de escala os jornalistas transmitiam notícias dos êxitos e reveses do esquadrão. Em meados de dezembro, o desprezo mundial tinha sido substituído pela admiração. Rozhdestvensky havia chegado à metade de sua difícil odisséia com todos os navios e canhões intatos. Tinha conquistado a mal-humorada lealdade das tripulações descontentes e reabastecido e reparado a esquadra em alto-mar nas piores condições atmosféricas. Talvez estivessem enganados os técnicos que haviam julgado impossível a missão.

Mas em 15 de dezembro, quando o esquadrão fazia uma parada de reabastecimento em Madagáscar, receberam notícias funestas. Pôrto Arthur estava prestes a cair diante das forças terrestres japonesas, e os navios bloqueados já haviam sido destruídos pelo fogo da artilharia instalada numa colina que dominava o

pôrto. Significava isso que a missão de Rozhdestvensky—o socorro a Pôrto Arthur—deixara de existir. E significava também que êle teria de enfrentar Togo sozinho.

Rozhdestvensky chegou à conclusão de que o melhor rumo a seguir seria dirigir-se para Vladivostok, o último ancoradouro russo no Pacífico, e mover-se com tal rapidez que o serviço de informações nipônico não pudesse localizar-lhe a posição. Mas quando se preparava para partir de Madagáscar, pouco antes do Natal, uma ordem peremptória de São Petersburgo alcançou o atormentado almirante. Ordenava-lhe que aguardasse a chegada do "Terceiro Esquadrão do Pacífico", comandado pelo Contra-Almirante Nebogatov, que já estava a caminho para reforçá-lo. Sabendo que êsses "reforços" eram apenas uma enferrujada coleção de velhos cascos, Rozhdestvensky protestou furiosamente e disse que êles seriam simplesmente um fardo em suas costas, inúteis em combate, e que obrigariam a esquadra a reduzir a marcha para acompanhar sua pouca velocidade. Mas os distantes estrategistas de gabinete mantiveram-se firmes. "Êsses velhos navios", opinaram, "atrairão o fogo do inimigo e conseqüentemente diminuirão o número de projéteis com que poderiam, de outra maneira, alvejar nossos navios modernos."

Furioso, Rozhdestvensky enviou seu pedido de exoneração para São Petersburgo. Foi recusado. Além disso, recebeu ordem de, depois de

derrotar Togo e alcançar Vladivostok, entregar o comando do esquadrão ao Almirante Birilov, que seguiria por via férrea pela Sibéria para recebê-lo.

Como provação adicional para Rozhdestvensky, a emprêsa alemã que estivera fornecendo carvão súbitamente retirou seus carvoeiros quando Togo ameaçou afundá-los se continuassem a acompanhar a esquadra. São Petersburgo não ofereceu nenhuma ajuda e, durante dois meses, o esquadrão permaneceu ancorado ao largo de Madagáscar, onde a luxuriante atmosfera tropical provocou doenças, distúrbios, embriaguez em terra e uma série de motins. Rozhdestvensky finalmente solucionou o problema de abastecimento comprando 10 navios carvoeiros. Partiu de Madagáscar em meados de março.

Estava resolvido a desobedecer às ordens—que eram de esperar o Terceiro Esquadrão do Pacífico na Baía de Camranh, na Indochina Francesa—e partiu sozinho e a todo vapor para Vladivostok. Foi contrariado nesse ato de insubordinação quando uma verificação rotineira, após a parada final de reabastecimento, revelou que o couraçado *Alexander III* não tinha carvão suficiente para alcançar Vladivostok. Para ganharem o concurso de eficiência da esquadra, seus oficiais haviam falsificado as cifras de carregamento de carvão em algumas toneladas em cada reabastecimento, e o déficit acumulado alcançava 400 toneladas. Para reme-

diar o problema, foi preciso mandar buscar um carvoeiro em Saigon—um atraso que pôs por terra tôdas as possibilidades de Rozhdestvensky manter seus movimentos ocultos dos japoneses, que possuíam uma das mais formidáveis rêdes de espionagem do mundo. Esmagado pelo golpe e espumando de raiva contida, Rozhdestvensky ordenou que o esquadrão ancorasse na Baía de Camranh, onde esperou demoradamente a chegada de Nebogatov e seus indesejáveis reforços.

“Frota Inimiga à Vista”

APÓS A QUEDA de Pôrto Arthur, Togo voltou apressadamente com a esquadra ao Japão para uma rápida revisão e novamente a submeteu a intensos exercícios de artilharia. Depositava tôdas as esperanças na suposição de que a pontaria de seus artilheiros superaria a considerável vantagem russa em canhões de longo alcance e maior calibre. “Um canhão que acerte 100 vêzes em 100 tiros”, lembrava constantemente aos seus oficiais, “vale 100 canhões que acertem apenas um tiro em 100.”

Enquanto isso, suas patrulhas avançadas varriam em vão os mares à procura do inimigo. Parecia certo, entretanto, que Rozhdestvensky tomaria a direção do Estreito de Tsushima, desde que tôdas as demais rotas para Vladivostok encerravam enormes dificuldades. Trabalhando na base dêsse palpite, Togo enviou cruzadores rápidos para patrulhar metòdicamente o estreito.

Durante dias de angustiante tensão nada descobriram. Mas, na enevoadada escuridão de antes do amanhecer do dia 27 de maio, o Capitão Hakaru Narukawa, do cruzador auxiliar *Shinano Maru*, distinguiu à sua proa um navio inteiramente iluminado, mas desconhecido. Navegando com as luzes apagadas, o *Shinano Maru* seguiu-o durante quase duas horas. Aos primeiros raios do amanhecer, Narukawa identificou-o como um navio-hospital russo (que desobedecera às ordens de Rozhdestvensky de viajar apagado). E à sua frente nada menos do que 10 vasos de guerra russos. No momento em que o *Shinano Maru* se afastou furtivamente, o telegrafista já transmitia a mensagem ansiosamente esperada: “Frota Inimiga à Vista.”

No *Mikasa*, ancorado na Baía Masampo, Togo dormia de uniforme, como de costume. Ao ser entregue a mensagem em seu camarote pouco antes das cinco da manhã, o comandante-chefe nipônico leu-a e, pela primeira vez desde o início da guerra, um largo sorriso lhe iluminou o rosto impassível.

Preparando-se para o combate, os navios da esquadra lançaram ao mar os sacos extras de carvão, armazenados nos conveses, que borrifaram de areia para torná-los menos escorregadios em caso de derramamento de sangue. Foram distribuídas ataduras e servidos petiscos tradicionais, como *goraz* salgado, um peixe muito apreciado. Oficiais e soldados puseram novos uniformes para se apre-

sentarem honrosamente na batalha iminente. No *Shikishima*, um tenente chamado Takeo Yamagata observou um marinheiro absorvido num romance. Perguntou-lhe por que tanto interesse pelo livro. “Bem, senhor”, respondeu o marinheiro, “talvez esta seja a minha última oportunidade de terminá-lo.”

Enquanto o carvão continuava sendo lançado ao mar, o *Mikasa* seguiu à frente por entre os outros navios para tomar lugar na vanguarda da fôrça. Sulcando o mar a 18 nós, com borrifos de água subindo do seu esporão de proa, a banda do navio de 70 homens formada na pôpa tocou uma marcha naval. No lais da vêrga esvoaçava a ordem de batalha de Togo, uma paráfrase da mensagem de Nelson à esquadra inglesa em Trafalgar: “Nesta batalha repousa o destino de nossa nação. Que cada homem faça o máximo.”

Entre os russos havia talvez menos unidade de propósito. Embora a armada czarista combinada contasse nessa altura com 52 belonaves (depois do encontro com os vetustos vasos de guerra ao largo da Baía de Camranh), Rozhdestvensky nutria ainda a esperança de passar despercebido pelo nevoeiro do Estreito de Tsushima. O indisciplinado navio-hospital traíra-o, e então, na iminência de ação os conveses russos foram esvaziados de todo o material combustível, foram cobertas as muradas e as obras mortas com loça úmida como proteção contra estilhaços de

obuses, e os canhões solenemente borrifados com água benta.

À ré, quatro cruzadores japoneses seguiam o esquadrão czarista, exatamente fora do alcance dos seus canhões, examinando-os calmamente. Êsses cães de guarda de tal modo exasperaram o comandante do couraçado *Orel* que êle finalmente abriu fogo sem esperar ordem do comandante-chefe. As primeiras salvas fizeram os japoneses se afastarem apressadamente—mas provocaram uma irritada ordem de Rozhdestvensky: “A munição não deve ser desperdiçada.” Os canhões silenciaram novamente.

Contudo, êsse breve episódio animou as tripulações russas. E como acontecia ser aniversário da coroação do Czar e da Czarina, foi distribuída vodca entre as tripulações, os capelães de bordo celebraram missas de ação de graças e os oficiais bebêram à saúde de Sua Majestade em copos transbordantes. As tripulações começaram a relaxar. Talvez as coisas não fôssem tão ruins, afinal de contas.

O Arriscado Jôgo de Togo

POUCO DEPOIS do meio-dia, uma longa linha de cascos cinzentos e superestruturas altas despontou no horizonte. Era a primeira divisão de batalha de Togo, constituída de couraçados e cruzadores modernos. Rozhdestvensky observou sombriamente a fôrça inimiga que se aproximava. “Estão todos lá”, murmurou para um ajudante-de-ordens, baixando o binóculo.

Quando estava ainda a umas quatro milhas de distância, a coluna japonesa fez algo surpreendente. Tendo-se aproximado de Rozhdestvensky pelo boreste, ela mudou brusca-mente de rumo, passou-lhe à frente até colocar-se a bombordo, depois retomou o rumo original. O navio-capitânia executou uma curva em U e quando um navio após outro repetiu a operação, a manobra foi colocando toda a linha ao lado da frota russa e navegando na mesma direção.

A manobra era extremamente arriscada, pois quando cada navio nipônico fazia a curva em U girava sobre si mesmo, como se estivesse dando volta a uma bóia invisível, e apresentava aos russos o que equivalia a um alvo estacionário. Mas, qualquer que fosse o custo da manobra, Togo estava resolvido a combater de barlavento, de modo que os borrifos de água não embaciassem as miras telescópicas de seus artilheiros e para que as ondas impelidas pelo vento penetrassem nos navios russos atingidos perto da linha de água. Jogava uma parada imensa e a decisão fôra tomada rapidamente. Mas como disse Togo a um amigo anos depois: "A maneira de vencer uma batalha naval é atacar com todas as forças no momento apropriado; e a habilidade de julgar a oportunidade não pode ser aprendida nos livros, mas só pela experiência."

Uma vez êle empenhado na manobra, os artilheiros czaristas aproveitaram rapidamente a oportunidade e 15 obuses atingiram a capitânia ja-

ponesa, o couraçado *Mikasa*, antes que êle pudesse sair da curva. Um estilhaço destruiu a bússola do navio a alguns centímetros do peito de Togo. Togo não se deu por achado e firmemente rejeitou as súplicas de seu estado-maior para que procurasse a segurança relativa da torre couraçada do *Mikasa*.

"Tenho combatido todas as minhas batalhas do passado", disse êle calmamente. "Tenho quase 60 anos e meu velho corpo não vale os cuidados. Mas vocês são todos jovens, com futuro. De modo que tomem cuidado e vivam para poderem servir ao seu país."

Togo tinha preparado longamente os seus oficiais e tripulações para a confusão de combate. "Uma batalha naval sempre oferece provas convincentes de que o nosso lado está perdendo irremediavelmente", frisava. "A morte e a destruição em nosso próprio navio são demasiado evidentes—enquanto o dano ocasionado ao inimigo permanece em grande parte invisível."

Era necessário lembrar isso, pois o fogo russo concentrado logo começou a produzir morticínio nas tripulações japonesas. "Uma explosão sob o passado", anotou o Capitão W. C. Pakenham, observador naval britânico a bordo do couraçado *Asahi*, "encheu o ar de fragmentos. Um deles, que me caiu aos pés, era a metade direita da mandíbula inferior de um homem. Tudo e todos nuns 20 metros em redor ficaram salpicados de sangue. Uma granada de seis po-

legadas explodira contra um canhão de 12 libras matando o oficial e a guarnição da peça e alguns marinheiros em volta.”

Durante os 15 minutos que a frota japonêsa levou para completar a manobra, as granadas russas puseram fora de ação a torreta dianteira do *Yakumo*, destruíram o mecanismo do leme do *Asama* e enviaram-no ziguezagueando para fora da linha de batalha—em suma, danificaram seriamente três navios japonêses, atingiram vários outros e puseram um deles fora de combate temporariamente. Se nesses cruciais primeiros minutos Rozhdestvensky tivesse passado para trás da coluna japonêsa, despejando fogo sobre sua cauda vulnerável, talvez tivesse escapado da armadilha. Mas a sua própria linha estava ainda confusa por causa da inesperada manobra japonêsa. Além disso, as lentas e velhas belonaves na cauda da coluna russa estavam ficando para trás rapidamente e seus artilheiros não podiam atirar contra os nipônicos com receio de atingir seus próprios navios. O próprio *Suvorov* e seus orgulhosos irmãos gêmeos se revelaram mais lentos do que os construtores haviam prometido, e eram incapazes de acompanhar as modernas belonaves de Togo—que nesse momento utilizavam sua velocidade superior para caírem sobre a vanguarda da coluna russa e desviá-la da projetada meta de Vladivostok.

Gradualmente desapareceu a vantagem temporária de Rozhdestvens-

ky. O último dos navios japonêses completou a volta em U, colocou-se em rumo paralelo ao da esquadra russa a menos de quilômetro e meio de distância e abriu fogo. A jogada de Togo dera resultado.

Uma das primeiras salvas japonêsas explodiu diretamente em frente da chaminé de vante do *Suvorov*, matando tôdas as pessoas que estavam perto. Duas explosões a seguir penetraram na tórre de comando, ferindo Rozhdestvensky e o comandante do *Suvorov* e interrompendo as comunicações com o resto da esquadra com a destruição dos cabos do telégrafo. Havia fogo por tôda parte. Sem que os russos soubessem (e suas granadas eram muito inferiores e muitas vêzes não explodiam), os japonêses usavam um nôvo tipo de granada incendiária que explodia ao contato. No convés descoberto o efeito era mortal.

Um dos oficiais superiores do *Suvorov*, o Capitão Vladimir Semenoff, ficou horrorizado quando subiu ao passadiço de vante da capitânia para ter uma visão geral da batalha. “Os navios inimigos estavam em perfeita formação”, recordou mais tarde Semenoff, “navegando paralelamente a nós, embora gradualmente ganhassem distância. A bordo deles não se notava qualquer confusão. Mas entre nós? Olhei em volta. Que caos! Passadiços em chamas, restos fumegantes nos conveses—montes de cadáveres. As estações de sinalização e telemetria e as posições de comando dos canhões estavam tôdas destruídas. À ré, o *Alexander III* e o *Boro-*

dino estavam envoltos em fumaça.”

Então os artilheiros de Togo começaram a usar granadas perfurantes de blindagem. A uma distância de pouco mais de uma milha, os resultados eram aterradores. Dois tiros certos na torre da popa do *Suvorov* arrancaram um dos canhões, colocaram-no num ângulo maluco e mataram ou feriram toda a guarnição da peça. Outro abriu o casco na linha de água e o mar entrou com violência. Um quarto transformou em açougue uma enfermaria congestionada no convés principal. O mastro grande foi arrancado e lançado pela amurada; uma chaminé esborroou-se transformada num monte de ferros retorcidos; outra, toda esburacada e inclinada, era lambida pelas chamas na base. Finalmente, uma granada de grosso calibre destruiu e emperrou em boreste o mecanismo do leme do *Suvorov*.

O estropiado navio-capitânia saiu da linha, descontrolado, arrastando atrás de si uma longa nuvem de fumaça e chamas.

Morte de um Almirante

NAQUELA PRIMEIRA escaramuça furiosa, o gigantesco mas antiquado couraçado *Oslyabya* sofreu ainda mais do que a capitânia *Suvorov*. Com os conveses tão sobrecarregados de carvão que seu cinturão blindado ficava abaixo da linha de água, o navio foi rasgado por sucessivos canhões que lhe abriram o que um dos seus oficiais descreveu como “não um buraco, mas um portão” nos flancos al-

taneiros. Absorvendo rapidamente água, com os canhões silenciosos e os conveses transformados em sólido lençol de chamas, o navio desviou-se da linha para esperar o fim.

Não demorou muito. Durante 10 minutos os cruzadores japoneses despejaram granadas sobre ele, e o navio foi adernando cada vez mais. O comandante, com o sangue a escorrer de um corte na cabeça calva, um cigarro na boca, em pé no passadiço, gritava para os homens para que saltassem ao mar. “Estamos afundando! Adeus, marujos”, berrou. “Afastem-se mais. Diabos os levem! Se não se afastarem, vão ao fundo com a sucção.”

Em seguida o *Oslyabya* virou de bôrco, mostrando o fundo incrustado de sargaços, e desapareceu sob as ondas. O comandante não foi o único a afundar com o navio. No salão nobre do *Oslyabya*, rigorosamente fechado, estava depositado num ataúde simples de carvalho o corpo do imediato de Rozhdestvensky, Contra-Almirante Folkersham, que morrera no dia anterior de doença e velhice. A sua morte na véspera da batalha fôra ocultada das supersticiosas tripulações czaristas; somente Rozhdestvensky e alguns oficiais superiores sabiam que o *Oslyabya* tinha entrado em combate desfraldando o pavilhão de um morto. Nem mesmo o Contra-Almirante Nebogatov, que viera com o Terceiro Esquadrão do Pacífico ao encontro de Rozhdestvensky, sabia da morte, que de fato o transformava em imediato.

Entrementes, agravava-se rapidamente a situação a bordo do *Suvorov*, onde os incêndios não mais podiam ser dominados. Mais ou menos às três da tarde uma granada atingiu a torre blindada. Rozhdestvensky—já gravemente ferido—recebeu uma estilha no crânio, ofendendo-lhe a parte superior do cérebro. Ainda consciente, mas sofrendo fortes dores, foi arrastado por seus ajudantes para a segurança relativa de uma torre de canhão e encostado a uma caixa de munição. Logo em seguida um tiro direto fêz em pedaços o comandante do *Suvorov*, Capitão Ignatzius, deixando um grande buraco no convés de aço onde êle se encontrava.

Seguiu-se uma pausa no bombardeio enquanto os artilheiros japoneses procuravam outros alvos, e o Comandante Semenoff foi ao seu camarote para apanhar cigarros. No caminho esbarrou com Werner von Kursel, um jovem guarda-marinha que fôra o alvo predileto das brincadeiras dos oficiais durante a longa travessia. Agora parecia que era o único homem a bordo que se divertia. Von Kursel sorriu quando Semenoff lhe disse aonde ia. “Ao seu camarote?”, disse. “Acabo de vir de lá. Vou com o senhor.”

Semenoff seguiu-o através das chamas e destroços. Ao chegar aos aposentos dos oficiais, parou atônito. Havia um buraco no lugar de onde um tiro direto tinha arrancado o seu camarote. Semenoff voltou o rosto enojado, apreciando menos a piada do que Von Kursel—que riu com von-

Êsse moleque está
precisando de
Araldite[®]



Consiga uma perna para o Saci-pererê.
Cole com Araldite. É pra eternidade.
Araldite não tem limite.

**O QUE ARALDITE FAZ,
NINGUÉM DESFAZ**



Marca e Patente da CIBA
Fabricação e Vendas:

BRASCOLA S/A

Rua Prof. Aprígio Gonzaga, 78 (Jabaquara)
Fone: PBX 275-2011 - SP

tade enquanto oferecia um charuto ao seu superior.

Minutos depois, em resposta a uma mensagem do chefe do estado-maior de Rozhdestvensky, Clapier de Colongue, o contratorpedeiro *Buiny* passou a navegar ao longo do navio-capitânia. De Colongue tinha resolvido retirar o almirante ferido, então apenas semiconsciente, do *Suvorov* condenado. Von Kursel, em pé na proa, guiou com um megafone a aproximação do *Buiny* no mar picado.

Amarrado o contratorpedeiro ao lado, um grupo de tripulantes do *Suvorov* pendurou-se na amurada do couraçado para formar uma almofada humana enquanto outros marinheiros esperavam na amurada do *Buiny* embaixo. No momento em que o pequeno navio subiu numa onda, o inerte Rozhdestvensky escorregou, rolando um pouco, para os braços estendidos dos homens do *Buiny*. O contratorpedeiro estava já superlotado com sobreviventes do *Oslyabya* e não havia possibilidade de salvar a tripulação do *Suvorov*. Somente Semenoff, De Colongue e alguns marinheiros puderam saltar para bordo antes de o *Buiny* se afastar.

—Você não vem conosco?—berrou Semenoff para Von Kursel.

—Não, senhor—respondeu o guarda-marinha.—Ficarei com o navio.

O jovem guarda-marinha, na ocasião o único oficial válido deixado a bordo, foi visto pela última vez correndo para a ré com dois marinheiros no seu encalço. Ali eles continuaram a guarnecer o único canhão do cou-

raçado em condições contra os repetidos ataques. Ao cair da noite, Togo enviou seus contratorpedeiros e torpedeiros para acabar com êle. A honra de desfechar o golpe mortal coube ao Capitão-Tenente Umejiro Fujimoto, que mais tarde escreveu o único testemunho de vista da agonia do *Suvorov*. “Embora o navio tivesse apenas um canhão em condições”, recordou, “continuava atirando, mostrando a sua resolução de defender-se até ao último momento. Finalmente, mais ou menos às sete da noite, depois que nossos torpedeiros o atingiram duas vêzes, foi ao fundo.”

Não houve sobreviventes. Meia hora depois, o *Alexander III* seguiu o irmão gêmeo para o fundo, levando consigo todos os seus 900 tripulantes e o homem que não tinha papas na língua, o Capitão Bukhvostov, que havia embarçado os ilustres convidados no banquete da esquadra em Reval, assegurando-lhes que “Nós saberemos morrer”.

Ao anoitecer Togo enviou uma ordem aos navios de linha para que se retirassem a fim de darem lugar aos torpedeiros. Mas ainda nessa última hora outro desastre esperava os russos. Um tiro de despedida do couraçado *Fuji* penetrou na tórre de vante do *Borodino*. A explosão resultante foi presenciada pelo observador britânico Pakenham de bordo do *Asahi*. “Uma coluna imensa de fumaça esguichou do alto de suas chaminés”, anotou êle. As caldeiras explodiram e o navio foi ao fundo com um rugido, deixando “uma nuvem densa sô-

bre o lugar que a belonave ocupara”. De manhã cedo no dia seguinte um contratorpedeiro japonês recolheu um marinheiro nu agarrado ao mastro de um dos batéis despedaçados do *Borodino*. Era o único sobrevivente.

A Noite dos Torpedos

PELO ANOITECER tinham ido ao fundo quatro couraçados russos—inclusive três dos quatro da classe *Suvorov*—além de numerosos outros navios de guerra menores e vasos auxiliares. A noite, porém, não trouxe trégua aos atormentados sobreviventes. Mais uma vez cardumes de torpedeiros japoneses—eram mais de 50 deles—se aproximaram como tubarões esfaimados enquanto os russos

rumavam pesadamente para o norte em demanda de Vladivostok.

Ansiosos por igual sucesso dos grandes navios de Togo durante o dia, os comandantes dos torpedeiros atacavam à queima-roupa. “Devemos poder aproximar-nos a uns 20 metros do alvo”, escreveu um desses comandantes a um amigo pouco antes da batalha. “Se acertarmos, afundaremos com os russos; se formos atingidos, os russos afundarão conosco, porque o último sobrevivente lançará o torpedo de reserva. Que é a vida senão um sonho de uma noite de verão?”

Para alguns navios do esquadrão de cruzadores russos, sob o comando do Contra-Almirante Enquist, o fim chegou sem bravura. Acossados pelos torpedeiros, que atacavam e fugiam,

GRÁTIS.

TROQUE 2 RÓTULOS DE ROYAL LABEL POR UM BARALHO.



É muito fácil. Recorte e preencha o cupom abaixo. Junte 2 rótulos do gargalo do whisky Royal Label. Coloque tudo dentro de um envelope e remeta para ROYAL LABEL CARD, Caixa Postal 3202, Guanabara. Dentro de poucos dias, você receberá em casa um lindo e exclusivo baralho feito pela Copag. Se você já tem uma garrafa de Royal Label, compre logo a segunda. Esta promoção não vai durar muito.

ROYAL LABEL CARD
Caixa Postal 3202, Guanabara.

Este cupom, acompanhado de dois rótulos do gargalo de Royal Label, vale um baralho.

NOME: _____

RUA: _____ ZONA POSTAL: _____

CIDADE: _____ ESTADO: _____

e pelos vigilantes cruzadores do Almirante Dewa, Enquist e seus quatro navios mais rápidos abandonaram a luta antes do amanhecer, desistiram de alcançar Vladivostok e tomaram o caminho da neutra Manilha (onde foram desarmados de acordo com o Direito Internacional). Por outro lado, um dos cruzadores mais lentos de Enquist, o vagaroso e vetusto *Dmitri Donskoy*, afundou dois torpedeiros e danificou um terceiro antes de afundar. Embora os obsoletos couraçados *Monomakh* e *Sissoi Veliky*, que conseguiram arrastar-se até à costa de Tsushima, fossem afundados por suas tripulações para evitar captura, o Almirante *Ushakov* lutou tão denodadamente que os japoneses fizeram todos os esforços para salvar os sobreviventes e trataram-nos com especial cavalheirismo.

O claro e frígido amanhecer de 28 de maio encontrou o Contra-Almirante Nebogatov, do Terceiro Esquadrão do Pacífico, navegando desesperadamente para o norte com os únicos grandes navios russos que sobraram. Eram eles o navio-capitânia de Nebogatov, o *Nicolau I*, o novo couraçado *Orel* (dos quais todos os canhões, menos dois de pequeno calibre, tinham emudecido), dois couraçados obsoletos e o cruzador rápido *Izumrud*. Esse desolado grupinho estava ainda a 480 quilômetros de Vladivostok quando, pouco depois das seis horas da manhã, foi avistada uma mancha no horizonte a sudoeste. A mancha dissolveu-se lentamente e re-

velou as chaminés de três cruzadores ligeiros japoneses. Logo depois aproximaram-se os navios de linha nipônicos até que, às nove horas, 27 belonaves cercaram os russos. À frente do inimigo, a capitânia de Togo, o *Mikasa*.

Durante a noite os japoneses haviam navegado para o norte a todo vapor para chegarem à posição que agora ocupavam—diretamente em frente da rota de escape para Vladivostok. Logo depois, a uma ordem de Togo, os grandes canhões japoneses abriram fogo.

“Nada a Fazer Senão Rendermo-nos”

QUANDO AS PRIMEIRAS granadas levantaram gêiseres de 20 metros de altura ao lado dos navios russos, o Contra-Almirante Nebogatov perguntou a distância ao oficial da artilharia do *Nicolau I*.

—Onze mil metros, senhor—respondeu êle.

Os russos já não tinham canhões que pudessem alcançar mais de 10.000 metros. Os japoneses podiam postar-se fora dêsse alcance e reduzi-los tranqüilamente a pedaços.

—Que devemos fazer?—perguntou Nebogatov aos seus oficiais.

O comandante do *Nicolau I*, Capitão Smirnov, que estava gravemente ferido, respondeu em nome dos presentes:

—Ontem cumprimos o nosso dever, senhor. Hoje não estamos mais em condições de combater. Não há nada a fazer senão rendermo-nos.

Notando a concordância no rosto dos demais oficiais, Nebogatov acenou com a cabeça lentamente. Com Rozhdestvensky inconsciente a bordo do contratorpedeiro *Buiny* e morto Folkersham, era êle agora que comandava o que restava da frota czarista. Voltou-se para o oficial-sinaleiro e ordenou-lhe que içasse a bandeira com o código internacional XGE —“Rendemo-nos”.

Observando a cena do passadiço do *Mikasa*, Togo e seu estado-maior acharam estranha a conduta do inimigo. “Rendemo-nos” não era mensagem de que um oficial naval nipônico viesse a precisar algum dia. De fato, o Tenente Shinjiro Imamura teve de conferir a mensagem russa no livro de códigos internacionais antes que o estado-maior de Togo pudesse decifrá-la.

Incapaz de acreditar que cinco vasos de guerra se rendessem sem luta, Togo continuou a bombardeá-los. “Jamais receie um inimigo forte—e jamais despreze um inimigo fraco”, era uma de suas máximas fundamentais. A suspeita de que o sinal talvez fôsse uma artimanha pareceu confirmada quando o rápido cruzador russo *Izumrud*, que também tinha içado a bandeira de rendição, inesperadamente a recolheu e fez uma arrojada tentativa para escapar a alta velocidade. Inexoravelmente Togo continuou a bombardeá-los.

Postado ao lado de Togo, o Oficial de Operações japonês, Capitão Masayuki Akiyama, começou a ficar nervoso. Akiyama era um homem

excêntrico. Seu hábito de saltar de bordo para nadar sem tirar as calças, de comparecer às refeições de chinele e outras esquisitices eram tolerados em virtude de seu brilhantismo tático. Dizia-se que êle tinha arquivado na mente todos os problemas concebíveis da estratégia naval. Fôra o responsável pela preparação do plano de batalha nipônico de interceptação e sistemática destruição da esquadra russa em Tsushima. Mas Akiyama tinha mais interêsse em planejar batalhas do que em travá-las. O bombardeio de um inimigo inerme incomodava-o. Dominando o sentimento de respeito que sentia por Togo, levantou a voz em protesto:

—Senhor, o inimigo rendeu-se. Posso dar ordem de cessar-fogo?

Apesar de seu respeito por Akiyama, o almirante permaneceu calado. Continuou a examinar o inimigo com desconfiança. Os artilheiros continuaram bombardeando.

Mais uma vez Akiyama protestou:

—Senhor, o espírito de *bushido* não nos obriga a cessar-fogo?

Dessa vez Togo respondeu, baseado nos seus vastos conhecimentos de Direito Marítimo:

—Os navios inimigos estão ainda em formação e em movimento.

Sòmente depois que Nebogatov içou uma toalha branca de mesa e em seguida a bandeira do Sol Nascente, e determinou que todos os navios parassem as máquinas, ficando imóveis sôbre a água, é que êle ordenou o cessar-fogo.

A capitulação russa seria sempre

um enigma para Togo. “Foi uma coisa inteiramente fora das nossas expectativas”, recordou êle mais tarde. “Abrimos fogo absolutamente resolvidos a aniquilá-los, mas em vão. Foi realmente a mais estranha das ocorrências, e ficamos atônitos.”

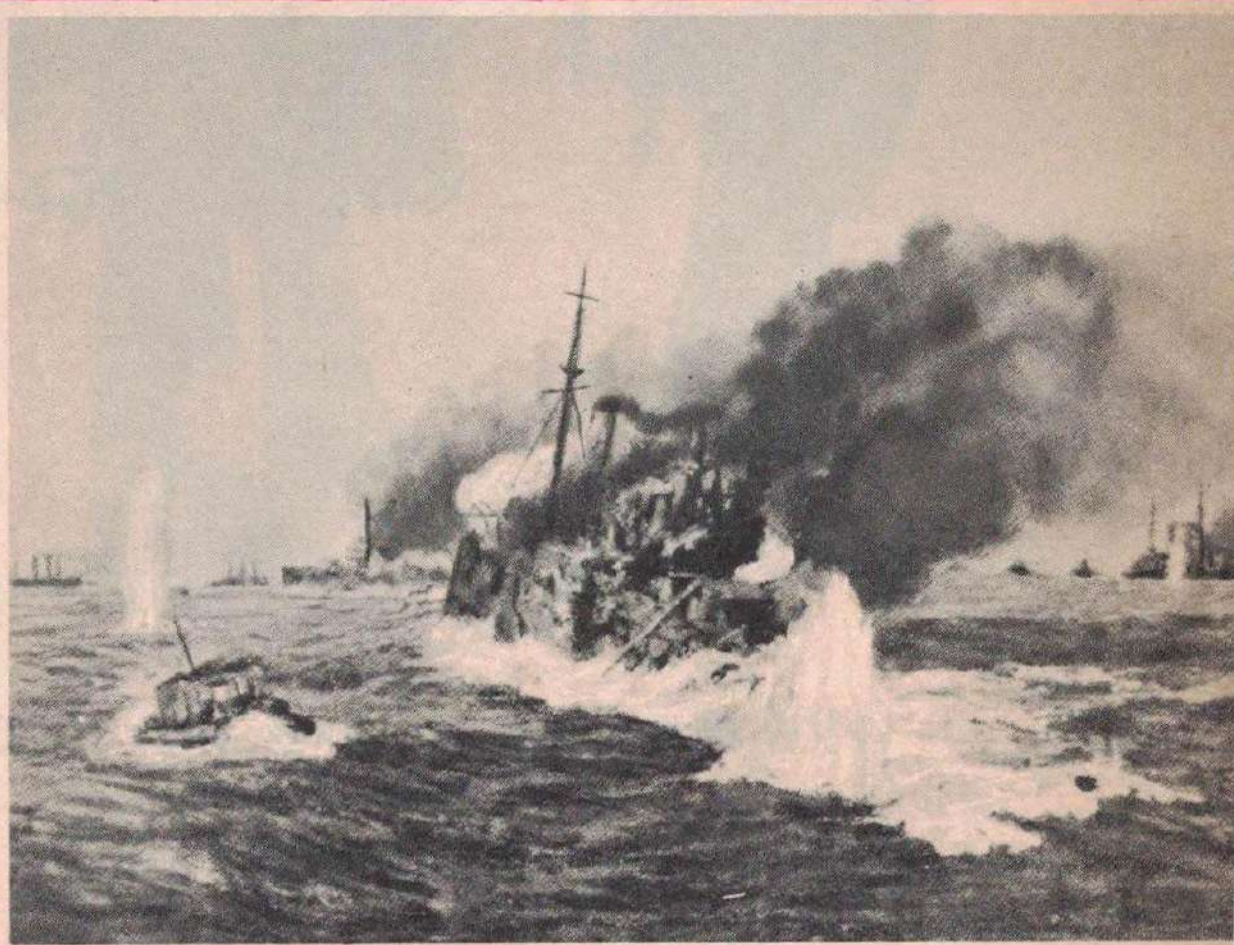
O almirante japonês teria ficado menos atônito se pudesse ter visto os destroçados navios russos de perto ou ouvido as palavras de Nebogatov aos seus oficiais quando se preparava para receber a bordo do *Nicolau I* o grupo de abordagem nipônico, comandado pelo Capitão Akiyama.

“Camaradas”, disse-lhes Nebogatov, “resolvi render-me ao inimigo porque, de outra maneira, seríamos aniquilados sem propósito algum. Fa-

ço-o com o coração sangrando, sabendo que nenhum sofrimento ulterior pode alterar nosso destino ou o destino da mãe-pátria. Que a vergonha dêste ato caia apenas sôbre mim.”

Mais tarde, ao subir a escada do *Mikasa* para discutir os detalhes da rendição com Togo, o almirante derrotado foi recebido com grave cortesia pelo vencedor. Resolvidas as formalidades—os navios russos seriam abordados por tripulações nipônicas, mas os oficiais czaristas conservariam suas espadas—os almirantes inimigos brindaram-se com champagne.

Para todos os efeitos, a Batalha de Tsushima havia terminado. Mas estava ainda por representar um ato



final do breve e violento drama.

A Maior Vitória Naval da História

NAQUELA MANHÃ o Almirante Rozhdestvensky foi transferido do *Buiny* para o contratorpedeiro *Bedovyi*, que estava em melhores condições. Recuperando momentaneamente a consciência, deu sua última ordem: "A todo vapor para Vladivostok." E recaiu em coma.

Durante algum tempo o *Bedovyi* navegou realmente para o norte a todo vapor acompanhado pelo navio gêmeo *Groznyi*. Pelas três da tarde, entretanto, dois contratorpedeiros nipônicos caíram sôbre êles. Só o *Groznyi* conseguiu distanciar-se. O

Bedovyi não podia arriscar-se a desenvolver alta velocidade, porque o ferimento que Rozhdestvensky tinha na cabeça era tão perigoso que as vibrações poderiam matá-lo. Com a anuência dos colegas, o chefe do estado-maior do almirante, Clapier de Colongue, decidiu relutantemente render-se.

Após certa dificuldade—o Tenente Tsunezo Aiba, comandante do contratorpedeiro *Sazanami*, relutou tanto como Togo em acreditar na bandeira de rendição—isso se efetuou. Fazendo-se transportar pessoalmente num barco a remo até ao *Bedovyi*, Aiba encontrou uma coleção de oficiais do estado-maior russo cuja riqueza de alamares doura-



Êste quadro mostra um aspecto da Batalha de Tsushima em 27 de maio de 1905, um pouco depois das três horas da tarde. No segundo plano, ao centro, pode ver-se o "Mikasa" entre um navio russo em chamas e uma coluna de água

dos parecia incongruente no pequeno navio. Subindo a bordo, Aiba cortou a antena do telégrafo sem fio do *Bedovyi* com a espada e anunciou: "Assumo o comando dêste navio."

Passou-se algum tempo antes que Aiba se convencesse de que o comandante-chefe russo figurava entre seus prisioneiros. Por fim, convencido de que Rozhdestvensky estava realmente a bordo, mas em estado grave demais para ser perturbado, o jovem tenente tranqüilizou seus preocupados prisioneiros. "Eu não o perturbarei, cavalheiros", prometeu. "Mas ao menos preciso vê-lo."

Tendo visto com seus próprios olhos Rozhdestvensky todo enfaixado, Aiba levou os oficiais de estado-maior russo de volta consigo para o *Sazanami*, deixando um guarda japonês à porta do almirante inimigo. Quarenta e oito horas depois o *Bedovyi* entrava a reboque no pôrto de Sasebo, onde Rozhdestvensky foi internado num hospital naval.

A mensagem de vitória de Togo para o Imperador foi caracteristicamente sucinta. "Com a graça de Deus", começava, "nossa frota conseguiu aniquilar quase completamente o Segundo e Terceiro Esquadrões do inimigo, com os quais combateu no Mar do Japão nos dias 27 e 28 de maio." Mas só mais tarde soube-se a plena extensão do triunfo.

Dos 38 navios russos que entraram no Estreito do Tsushima, todos, com exceção de três, tinham sido afundados, capturados ou internados. Os três que finalmente chegaram com dificuldade à desolada Vladivostok eram dois contratorpedeiros—um deles o *Groznyi*—e um cruzador ligeiro. O Japão tinha perdido apenas 117 homens contra 4.830 russos e feito cerca de 6.000 prisioneiros. Tinha afundado 146.900 toneladas de navios inimigos, às quais deviam ser acrescentadas outras 58.000 toneladas de navios capturados ou internados, contra suas próprias perdas de 300 toneladas.

A imensidão do desastre foi-se apresentando a Rozhdestvensky à medida que, dolorosamente, êle lutava para recuperar-se. No dia 3 de junho o almirante derrotado recebeu pelo menos algum consôlo com a visita do próprio Heihachiro Togo. Sentando-se ao lado da cama do vencido, Togo desculpou-se inicialmente pela austeridade do hospital e em

seguida prestou sua homenagem à bravura do adversário recente.

—Nada há de que deva envergonhar-se um guerreiro numa derrota honrosa—disse êle.—Nós militares sofremos de qualquer maneira, ganhemos ou percamos. O importante é saber se cumprimos nosso dever. O senhor desempenhou herôicamente sua gran-



de missão até que foi gravemente ferido. O senhor merece o meu sincero respeito.

—Não me envergonha o ter sido derrotado por um homem como o senhor—respondeu Rozhdestvensky, e os dois almirantes apertaram as mãos.

Ao deixar o hospital, Togo ordenou que o ferido recebesse as melhores atenções e que lhe concedessem todos os meios para se comunicar com o seu govêrno.

A resposta do Czar à mensagem de derrota de Rozhdestvensky foi generosa e simpática. “Agradeço-lhe do fundo do coração”, disse êle num cabograma, “pelos seus serviços à Rússia e à minha pessoa. Prouve a Deus não lhe conceder a vitória, mas o país se orgulha de sua coragem. Que Deus nos console a todos.”

Mas em São Petersburgo havia outras pessoas resolvidas a encontrar um bode expiatório para a catástrofe, e quando Rozhdestvensky regressou à pátria em agôsto houve um Conselho de Guerra. Embora êle próprio fôsse exculpado da rendição pelo fato de estar inconsciente na ocasião, foi reformado. E a des-

peito da resoluta defesa que fêz dêles, o Chefe do Estado-Maior Clapier de Colongue e o Almirante Neboogatov foram condenados à morte por seu papel na rendição. Mais tarde o Czar comutou as sentenças, mas ambos cumpriram longas penas de prisão. Rozhdestvensky viveu ainda três anos em amargurado retiro, falecendo em janeiro de 1909.

O vencedor de Tsushima sobreviveu 29 anos à batalha. Muito antes de morrer coberto de honrarias no Japão e no exterior, Heihachiro Togo foi aclamado como um dos maiores combatentes navais de tôdas as épocas. Em têrmos de tonelagem perdida, Tsushima foi—e ainda é—a maior batalha naval que já houve. E as implicações mais amplas da grande vitória de Togo começavam já a transparecer: quando, naquela profética tarde de maio de 1905, uma pequena nação asiática derrotou fragorosamente o maior império do mundo, fêz mais do que assegurar a sobrevivência do Japão. Proclamou a libertação da Ásia do domínio ocidental e o firme estabelecimento do Japão como uma das grandes potências mundiais.

(Tradução de Ruy Jungmann)



NO FIM DA Segunda Guerra Mundial um agente secreto na Europa revelou que os nazistas tinham construído uma aldeia de madeira para atrair as bombas. Uma esquadrilha da RAF deu uma resposta apropriada a isso: um de seus aviões sobrevoou a aldeia e deixou cair sôbre ela uma bomba de madeira.

—C. F.